

Adelmo Oliveira

Três Poemas

(original de 1966)

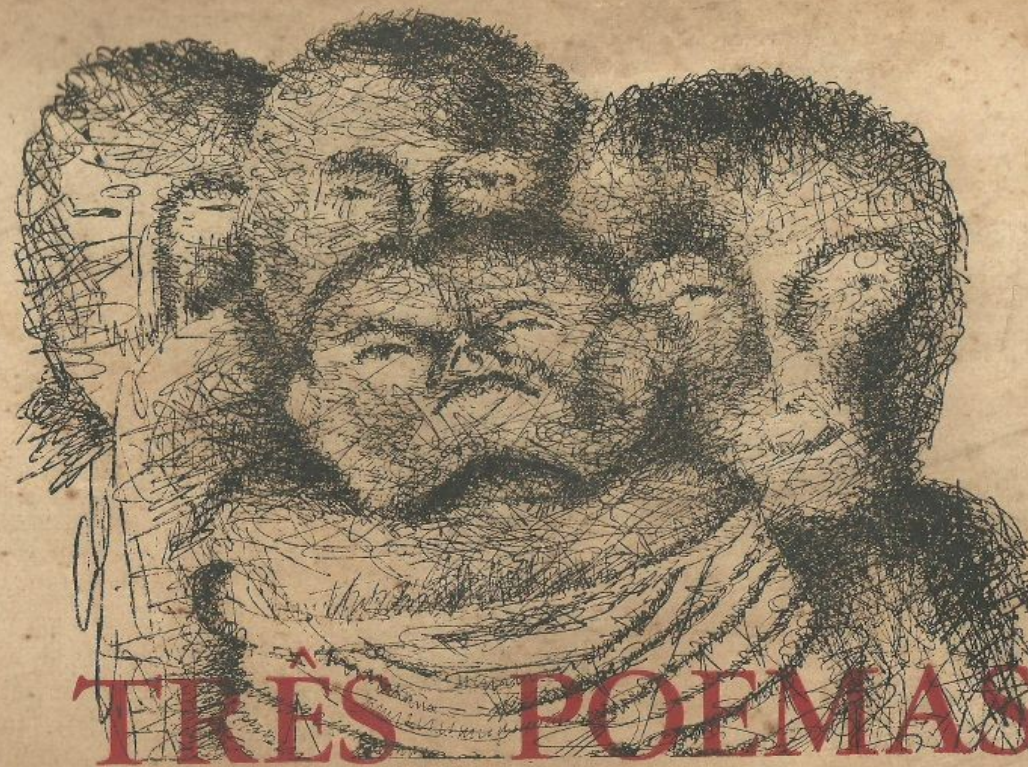
Tradução de Ildázio Tavares

Ilustrações de Nacif Ganem

http://www.arquivors.com/adelmo_trespoemas.pdf



© Copyright Adelmo Oliveira, 1966
Edição eletrônica – *O Arquivo de Renato Suttana*, 2010
(Reproduzido com autorização)



TRÊS POEMAS

ADELMO OLIVEIRA

TRÊS POEMAS

*Com a minha admiração, no pouco de
tempo de contacto, motivada pela lucidez
e coragem de suas posições assumidas e
maturadas, no âmbito e claro carisma
do digno.*

*do modesto tradutor
de 3 bons poemas*

*14-12-72
ILDÁZIO
J. ALVARES*

66

ADELMO OLIVEIRA

Tradução de: ILDÁZIO TAVARES

Ilustrações de: NACIF GANEM

O futuro
 não virá por si só
se não tomarmos medidas

Vladimir Maiacovski

- * Para os jovens de toda América Latina e do Mundo Subdesenvolvido
- * Orientação gráfica do Gravador Emanuel Araújo e do mestre-tipógrafo Abílio Cândido de Jesus
- * Gráfica Santa Rita Ltda.
- * Da presente edição, foram extraídos 150 exemplares em Papel Pele de Cabra, numerados de 1 a 150; e 1.000 exemplares em papel Alvorada, também, numerados de 1 a 1.000
- * Data: 8 de dezembro de 1966
- * Exemplar **Nº 023**

NOTA BIOGRÁFICA

OLIVEIRA — (José de) — Adelmo. Nasceu na cidade de Itabuna, Estado da Bahia. Fêz seus primeiros estudos no Ginásio Augusto Galvão, na cidade de Campo Formoso, no mesmo Estado, onde, em 1951, fundou um jornal - de vida efêmera tendo nele publicado seus primeiros trabalhos.

Revelando sempre interêsse pela literatura, especialmente poesia, estreou com um livro de poemas "O Canto da Hora Indefinida" Capa em xilogravura de Calasans Neto - Artes Gráficas, 1960 (Fora do mercado). Começa, então, a publicar ensaios, poemas, artigos nos Suplementos Literários do Jornal da Bahia e Diário de Notícias, chamando à atenção de curiosos o ensaio crítico intitulado "Na rota de Mira-Gêli" e que se refere a uma triptíca interpretação do poema cíclico de Jorge de Lima "Anunciação e Encontro de Mira-Céli".

Em 1962, venceu, em primeiro lugar, o Prêmio Nacional Luis de Gôngora, instituído pelo Governo da Espanha, no Brasil, para comemorar o quarto centenário de nascimento do poeta. O trabalho premiado intitula-se "Gôngora e o Sofrimento da Linguagem" (Júri: Manuel Bandeira, Austregesilo de Athayde, José Carlos Lisboa e Pio de los Casares).

Vem dedicando-se, ultimamente, à pesquisa da literatura baiana e participa de um movimento de renovação cultural, o qual entende que "a arte não é uma cópia pura e simples da realidade", mas que "deve ter dinamicamente a sua própria dimensão", pondo, em denúncia, a submissão, a opressão e a ausência de liberdade.

Na data de hoje, 8 de dezembro de 1966, cola grau em Direito pela Universidade Federal da Bahia.

LITTLE SONG FOR A FLAG-BEARER

I write your name
On the walls, on the ground,
On the side-walks, on the corners,
On the waterfront
I write your name

Not that I thirst for revenge,
Not that I'm anxious of fear,
Not that I flee from despair,
Not just to escape the anguishes of love,
Nor as a whisper of scattered feelings.

I write your name
On the halls of the charity institutions
On the patio of the convents,
On the façade of the churches,
And also wherever
Inertia sprouts
Like an evil weed.

Warn your friend,
Your neighbor, the soldier,
Warn the public worker,
Those who are in prison, who are exiled,
The workers in general,
The farmhand,
(Especially the farmhand)
That they must tear the silence
That they mustn't be dumb, they must break out of
Their enslaved indifference
Which generates the bitterness.
And that they must emerge in the streets
To write your name.

Tell them that the way is worn and sour
the food is the sacrifice itself
Death is a sown field
Where the mutilation of the bodies
Will serve as fertilizer
For the integration of the new battle.

Tell them, too, that hope
marches along with the youth
ready, united
To open the parade.

I write your name
Like one who throws the seed
And wait for the time of harvest.

I write your name
Like one who sees in the blood
The pure power of life.

I write your name
Like one who preaches peace
And searches for happiness.

PEQUENA CANÇÃO DO PORTA-ESTANDARTE

"Não faz mal que amanheça devagar
As flores não têm pressa nem os frutos!"
Geir Campos

Escrevo teu nome
Nas paredes e no chão
Nos passeios, nas esquinas
E nos muros do cais
Escrevo teu nome

Não é sede de vingança
Não é ânsia de terror
Não é fuga ao desvario
Não é escape de angústia amorosa
Nem murmúrio de sentimentos dissolutos

Escrevo teu nome
Em pleno hall das casas pias
No pátio dos conventos
No frontispício das igrejas
E, também, nos lugares
Em que a inércia
Brota como planta daninha

Avise ao amigo
Ao vizinho, ao soldado
Ao funcionário público
Aos presos, aos proscritos
Aos operários em geral
Ao camponês
(Ao camponês, em particular)
Que partam o silêncio
Que saiam do seu mutismo
da sua indiferença escravizada
que fabrica amargura
E subam à tona das ruas
Para escrever o teu nome
Diga-lhes que o caminho é amargo
que o alimento é o próprio sacrifício
que a morte é uma sementeira
onde a mutilação dos corpos
servirá de adubo
para integração da nova batalha.

Diga-lhes, também, que a esperança
está com a juventude
pronta, unida
para abertura da marcha

Escrevo teu nome
Como quem lança a semente
E fica à espera da colheita

Escrevo teu nome
Como quem vê no sangue
A força pura da vida

Escrevo teu nome
Como quem prega a paz
E busca a felicidade



MESSAGE IN PROSE TO LEOPOLD SEDAR SENGHOR

We ran out of liberty, Senghor
And we must listen for your word.

Here, like in Senegal,
They trod on our planted seeds,
They try, so friendly, to convince the world
That we are just a piece of land,
Part of Geography, out of History,
That our families have gotten used
To living under the chains of the stronger,
That we are the brushwood
 which will feed the fire
That we are the ore
 which will strengthen the guns.

We ran out of liberty
But now the time has come to release
The burden of fear we cannot bear,
That the generations, for centuries,
Could not even make lighter, —
Our bodies, our tongues, our clothes,
Are here to show the scars.

Yet, there is an ocean to link us cordially
(We look at ourselves in the same mirror, and
we were equally gifted for suffering).

And you, yourself, Leopold Senghor,
You do not symbolize only
The freed Senegal
You are the head of a great black body
Of which we make part
Marching toward the world of hope.



SONG OF THE PRESENT SOIL

I invite you, brothers, to prepare the soil
The land is incult again
Time wanted the division of walls
And now, we can see nothing
But this great wasteland
 wild plants
 cactus
 torn and twisted vegetation
 and clumsy silhouettes,
 overlooking hills and valleys.

The morning is a sunset
Where birds, flying low
Circle around.

The wind even changed its course
There is no more North
The compass was broken, it was only glass.

Before the eyes,
A huge pile of ashes
And mutilated roses;
Iron shoes trod on tiny lilies
Everywhere;
The fingers grasp
(Bewildering vision)
A deadborn infant,
Fruit of the first hope.

Beyond, an empty horizon
Below, a sea quick with flies.

Yet, the fight revives,
Like a bleeding flower
Spreading between the walls.

The word has been sown
And carved in the streets,
Under the heat of strife,
Just sown, and now it hovers
In the air today,
Untouched,
Waiting for the time of harvest
That may be near.

CANTO AGRÁRIO PARA O TEMPO PRESENTE

"Rintrah roars & shakes his fires in the burdern'd air;
Hungry clouds swag on the deep".

William Blake

Convido-vos, amigos, a preparar a terra
O campo está novamente inculto
O tempo quis esta divisão de fronteiras
E, agora, o que vemos
É este grande deserto:
Plantas agrestes
Cactos
Vegetais de maninha duração
E parvas figuras
Dominando outeiros, vales e colinas

A manhã é um crepúsculo
Onde circulam pássaros
De voo rasante.

O vento até mudou de direção
A agulha não aponta para o Norte
A bússola partiu-se: era de vidro.

Diante dos olhos:
Um montão de cinzas
E de rosas mutiladas
Por toda parte:
Lírios pisados
Por sapatos de ferro;
Entre os dedos:
(Visão perplexa)
Um embrião natimorto
Fruto da primeira esperança

Além, um horizonte vazio
Embaixo, um mar coalhado de insetos

A luta renasce, porém
Como uma flor de sangue
Entre duas fronteiras.

A palavra semeada
Inscrita nas ruas
Sob o calor do trabalho
Não foi colhida
Permanece intacta
Suspensa no ar
À espera da colheita
Que pode surgir.

